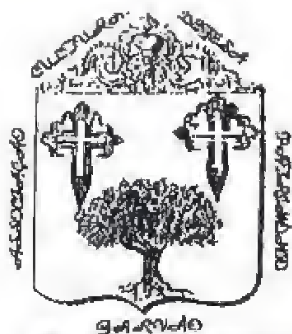


JORNAL DE GARVÃO

ASSOCIAÇÃO CULTURAL E DE DEFESA DO PATRIMÓNIO DE GARVÃO

ANO:1 Nº.0 PERÍODICIDADE:TRIMESTRAL PREÇO:100$00



MANUEL BENTO E A VIOLA CAMPANIÇA

Viola Campaniça - Antigo instrumento musical de acompanhamento dos cantares alentejanos, como o **baldão**, encontra-se hoje no limiar do desaparecimento, devendo-se a sua sobrevivência a tocadores como Manuel Bento, residente na Funcheira, sempre pronto a dois dedos de conversa e a ensinar a quem quiser aprender.

Pág. centrais



FLORBELA ESPANCA

PRESTAMOS HOMENAGEM, NO CENTENÁRIO DO SEU NASCIMENTO, A UMA GRANDE POETISA ALENTEJANA.

Pág. 6



GARVÃO: RIQUEZA ARQUEOLÓGICA POR DESVENDAR.

Constata-se que, embora Garvão seja reconhecidamente um grande centro de vestigios e interesse arqueológico, desda a pré-história ou períodos romanos e árabes, nunca aqui se realizou um levantamento das suas riquezas arqueológicas com vista a evitar danos. Todas as escavações aqui realizadas têm sido de caracter urgente para salvaguardar o que alguma máquina ou outras obras puseram a descoberto, partindo-se e perdendo-se uma boa parte do espólio descoberto.

Pág. 3

EDITORIAL

PARA O DESENVOLVIMENTO ECONÓMICO DA VILA DE GARVÃO

Uma das preocupações constantes da população de Garvão, é a falta de emprego. Contudo o seu desenvolvimento económico e, consequentemente, a criação de postos de trabalho não se faz esperando que alguém venha para cá construir uma fabrica ou cruzando os braços à espera que surja um milagre. O desenvolvimento da vila faz-se a partir de nós própios, da própia população.

A primeira etapa é vencer a atitude derrotista implantada, que é o principal entrave ao seu desenvolvimento económico. É muito cómodo sentar-se à espera que surja qualquer coisa, é muito cómodo criticar qualquer iniciativa mais audaz. Apresentar uma ideia inovadora capaz de criar dois ou três postos de trabalho é vencer o derrotismo, é encarar o futuro com esperança, é vencer a frustação do isolamento, do desemprego, do despovoamento.

A agricultura e as relações humanas já não são as mesmas de há trinta anos atrás. A preocupação principal era satisfazer a necessidades básicas de subsistência alimentar. Hoje é necessário encarar o futuro de outra forma, é necessário desenvolver e valorizar as potencialidades locais.

O seu desenvolvimento económico passa pela elevação cultural da população, pela valorização das actividades e produtos locais de índole artesanal, pela pesquisa arqueológica e etnológica que terá como objectivo final o desenvolvimento turístico, de moldes local e rural. Não são os forasteiros que irão investir na indústria ou turismo em Garvão, esses investem onde a rentabilização é mais rápida, nem seria benéfico para a população apostar num tipo de turismo tipo Algarve, desse está o País saturado de norte a sul, temos de ser nós a apostar na nossa originalidade, na nossa rusticidade como forma de combater a estagnação e o despovoamento progressivo da Vila.

É necessário preservar, mas preservar de uma maneira que se fixe a população à terra, que se crie postos de trabalho, porque se preservamos sem a participação activa da população e mantendo-se a tendência de despovoamento ao ritmo actual, daqui a uns anos não temos ninguém. Garvão tem menos população do que há vinte anos atrás e há vinte anos atrás menos população do que há quarenta anos. E esta tendência só se inverte, analisando a situação sócio/económica em que estamos inseridos e preconizando medidas concretas e eficazes que possam vencer a tendência para desertificação que actualmente se mantém.

É para isso que criamos a Associação Cultural e de Defesa do Património de Garvão.

É para isso que criamos este jornal.

Colabore, escreva-nos, sugira, critique e participe.

PAROQUIANDO...

PELO PADRE ANTÓNIO PEREIRA

TORNAR GARVÃO MAIOR

Defesa do Patrinónio, preservação dos valores do passado, descoberta de objectos arqueológicos, são gestos a apoiar, dignos de realce.

Por isso, na minha qualidade de Pároco, quero saudar a nova Associação que acaba de surgir em terras de Garvão e que se propõe tão nobre iniciativa. Quero igualmente oferecer os meus préstimos, naturalmente muito limitados, mas cheios de boa vontade.

A Igreja sempre teve o mérito de olhar para o passado com respeito e tentar preservar o que era merecedor disso. Hoje, muito, diria mesmo, a maioria, do que existe de arte e de arqueologia, deve-se à Igreja. Cada Igreja é já por si um pequeno museu. E basta olharmos para a nossa terra de Garvão. As Igrejas que nela existem são um precioso documento do passado, carregado de arte e de história. Os próprios objectos antigos são, na sua maioria, referências à fé cristã vivida pelos nossos antepassados. Quando um turista nos visita procura, em primeiro lugar, o que é antigo e com valor histórico. E é isso que dá valor a uma terra e chama a si pessoas de fora. Penso ser muito importante que cada um tenha gosto pelas coisas antigas e pelo que é de valor e tente preservá-lo. Ao fazê-lo está a colaborar com a sua terra e a enriquecê-la.

O Alentejo tem o mérito de ser das zonas do nosso País que mais tem guardado os traços do passado a começar já pelo estilo das casas e das ruas. É pena e lamentável assistirmos em muitas zonas a profundas alterações do estilo tradicional português, sobretudo no que se refere às construções que, em muitos casos, são autênticas aberrações que chocam com a nossa maneira de ser e desprovidas de gosto.

Resta-me desejar os maiores êxitos a esta nova Associação que surge em terras de Garvão e fazer votos que façam um trabalho de alto nível na defesa do Património.

Quero também fazer um apelo a toda a população para que acolha bem esta iniciativa e colabore activamente para, todos juntos, engrandecermos cada vez mais a nossa terra de Garvão, fazendo dela um belo cantinho neste imenso Alentejo, por onde os turistas passem e se sintam bem.

CONVERSAS SOLTAS

Pensei em falar-vos de vários assuntos, quanto, de repente, me recordei que dia 1 de Dezembro se comemorou o Dia Mundial da Sida. Por isso, decidi que a nossa conversa se pautaria por aquilo que normalmente pensamos que só acontece aos outros. Para ilustrar este pensamento, gostaria de vos contar uma história que li um dia:

"Luisa tem 35 anos, é morena de traços finos e um olhar frágil. Não, não é só o olhar. O corpo, segundo indica a balança, pesa 43 quilos e já não aguenta grandes andanças. A sua fala, pausada, enche-se de emoção ao contar que o mundo desabou sobre ela há três anos - o meu marido foi ao médico por causa de um esgotamento e acabou descobrindo que era seropositivo. Um mês depois, fiz o teste. Também tinha sido contaminada - tudo indica que Luisa seja portadora do vírus desde 1986, altura em que foi distribuído nas instituições de Saúde Públicas grandes quantidades de factor VIII infectado, componente do sangue responsável pela coagulação. O seu parceiro, hemofílico era um dos muitos utentes do serviço de Saúde do Hospital de S. José, em Lisboa, que não foi avisado dos riscos que corria. E da possibilidade de contagiar a sua família.

Desprevenido, o casal manteve relações sexuais sem usar o preservativo até 1991. Luisa veio, assim, engrossar a lista dos casos de sida transmitidos por via heterosexual, actualmente a segunda forma de contaminação depois da homo ou bissexual. O fantasma, agora, deixou de ser exclusivo dos gays e dos dependentes de droga. Especialistas concordam em dizer que as mulheres são hoje o grupo mais vulnerável à sida."

É obvio, que este relato nos fala de culpas exteriores e de responsabilidades do Estado mas também é verdade que estudos realizados sobre os hábitos sexuais dos Portugueses determinam que 41% dos homens e 19% das mulheres entre os 18 e os 49 anos aceitam fazer amor com um parceiro ocasional sem preservativos.

Com certeza alguns de vocês estarão neste momento a pensar:

Será o preservativo a única forma de evitar o contágio?... claro que não.

Aqui ficam alguns pontos a ter em consideração:

- Relações com um só parceiro;
- Não partilhar objectos cortantes como seringas e lâminas de barbear

Mas, por favor não esqueçam que:

- Conversar; Abraçar; Beijar; Partilhar talheres e roupas com doentes infectados em nada vos pode prejudicar.

Muito mais haveria a dizer sobre o que é considerado o grande flagelo deste século, mas a conversa já vai longa e penso ter tocado os pontos mais importantes.

Para terminar gostaria de dizer-vos que o GCDTL, da Câmara Municipal de Ourique está à vossa disposição para vos poder encaminhar para as diversas instituições, que tão bem conhecem o problema.

Mais uma vez, vos lembro, mulheres, homens, pais, filhos, professores, enfim todos, devemos ter consciência de que a **SIDA EXISTE E MATA.**

A Coordenadora do Gabinete Cultura Desporto e Tempos Livres

Sandra Pires

TIRAGEM: 1000 Exemplares

TIPOGRAFIA: PENTAGRAFICA BEJA

COLABORADORES: José Pereira Malveiro; Nuno Vargas; Jorge Soares Luz; Carlos Faustino; Reinaldo Soares; Natália Pereira; Paulo Firmanio; Fernando Soares; Pedro Faustino, Luís Bento Carlos Filipe



GARVÃO, RIQUEZA ARQUEOLÓGICA POR DESVENDAR

Garvão, na sua área geográfica, tem, sem dúvida, uma enorme riqueza arqueológica a desvendar. Na área da sua actual freguesia ou na área do extinto Concelho de Garvão, a abundância de vestígios e ruínas é reconhecidamente notória, e só a falta de verbas, não tem permitido a continuação das pesquisas até agora efectuadas.

Nunca foi feito um apanhado geral dos vestígios existentes e visíveis à superfície, e posteriormente desenvolver esse trabalho no terreno por meio de um programa de pesquisa e exploração, desenvolvendo assim uma actividade de valorização da própria vila de que a população se orgulharia e apoiaria, permitindo assim um afluxo superior de visitantes e turistas que incrementaria, sem sombras de dúvidas, a economia da região.

O que tem sido feito até agora tem sido um trabalho de catalogação e salvaguarda daquilo que por um motivo ou por outro urge salvar de momento, postos a descoberto geralmente por máquinas efectuando trabalhos de terraplanagem ou abertura de valas, partindo e destruindo enormes quantidades de riquezas históricas e arqueológicas, que nunca mais serão aproveitadas, com enorme prejuízo, não só material mas também de investigação para o melhor entendimento daquilo que é a nossa herança histórica.



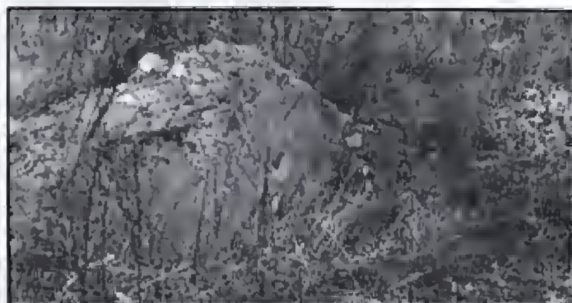
Ruínas junto à igreja Matriz

DEPÓSITO VOTIVO DE GARVÃO "DESCOBERTO" POR MÁQUINA DA CÂMARA

É o caso nomeadamente do DEPÓSITO SEGUNDÁRIO DO SANTUÁRIO DE GARVÃO da II idade do ferro, ou mais correntemente chamado depósito votivo de Garvão, o qual teve de ser urgentemente "socorrido" pelos serviços de arqueologia oficiais, depois de uma máquina escavadora, quando procedia à abertura de uma vala para o saneamento básico na vila, ter posto a descoberto uma enorme quantidade de telharia e cacos fora do que é normal se encontrar naquela zona, apesar desta mesma zona ser fértil em ossadas e vestígios cerâmicos, telhas e outros cacos, inclusive terra sigilata. Alertados os serviços oficiais de arqueologia, de imediato procederam ao seu estudo e exploração pondo a descoberto um importante depósito de oferendas a qualquer divindade, estando ainda por descobrir o santuário propriamente dito.

POTES, HABITAÇÕES E ESTELAS FUNERÁRIAS "TERRAPLANADAS"

É o caso também, daquilo que chamamos de conjunto do cemitério velho, árabe/medieval, o qual requereu a intervenção de Arqueólogos a título de urgência devido a uma máquina da Câmara ter posto a descoberto vestígios de habitações e enormes potes de cerâmica já parcialmente destruídos pela dita máquina, mais ou menos à frente da igreja matriz de Garvão.



Muro romano existente em 1978, nos Franciscos, e hoje completamente terraplanado

Junto ao cemitério velho, na parte exterior, também a dita máquina pôs a descoberto algumas estelas funerárias que se presumem medievais, presentemente em exposição, entre outras peças, na sede da Associação Cultural e de Defesa do Património. Algumas dessas estelas foram recolhidas pelo próprio maquinista da máquina que procedia aos trabalhos em curso. Outras foram recolhidas por elementos da dita Associação numa visita ao local.

OS VESTÍGIOS ROMANOS DOS FRANCISCOS "MUDAM" ESTRADA

Também nos Franciscos, propriedade do Arzil, local de enorme concentração de ruínas romanas, que Caetano Beirão e José Olívio Caeiro procederam a escavações de emergência, numa área que iria ser afectada pela construção de uma estrada entre Garvão e Aldeia das Amoreiras, pondo a descoberto restos de paredes numa área bastante extensa tratando-se ou de uma vila rústica romana de enormes proporções, ou, mais concretamente, de uma cidade dita romana, forçando assim a que a dita estrada viesse a ser construída noutro local. Nas ditas escavações foi posto a descoberto também enorme quantidade de cerâmica o que não é de estranhar pois esta encontra-se em grandes quantidade na dita propriedade, assim como ainda vestígios de muros romanos que estão sujeitos ao seu desaparecimento motivado pela modernas praticas cerealíferas. De notar ainda que desta propriedade e desta mesma zona foi trazida enorme quantidade de pedras para encher os caboucos do prédio situado entre o Largo da Palmeira e o Largo da Amoreira, que nessa altura estava em construção, nas quais se encontrava uma pedra que os pedreiros, a achando diferente e com umas letras gravadas, a pouparam, tratando-se de uma ESTELA ROMANA de enorme importância que Mário e Rui Varela Gomes estudaram e devidamente divulgaram, encontrando-se a estela em exposição na dita sede da Associação cultural e Defesa do Património.

TORNA-SE URGENTE...

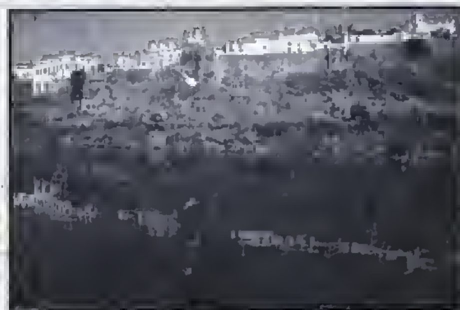
Constata-se assim que todos os trabalhos arqueológicos desenvolvidos em Garvão são de carácter urgente e de emergência devido ou a obras projectadas em locais de reconhecido interesse, ou porque alguma máquina pôs a descoberto, partindo e perdendo-se uma boa parte do espólio que justifica, sendo Garvão local de reconhecido interesse arqueológico, um levantamento geral dos seus vestígios que se torna urgente para salvaguardar e evitar futuras destruições, como as acima mencionadas.

VISITA À ASSOCIAÇÃO DE DEFESA DO PATRIMÓNIO DE MÉRTOLA

No passado dia 26 de Setembro, uma delegação da nossa Associação deslocou-se, numa carrinha gentilmente cedida pelo Gabinete de Cultura, Desporto e Tempos Livres da Câmara Municipal de Ourique, até Mértola, mais concretamente à Associação de Defesa do Património de Mértola. Esta visita tinha como principal objectivo recolher toda a informação disponível sobre o funcionamento e o dia a dia de uma associação desta índole.

A delegação da ACDPG era constituída por alguns membros dos corpos gerentes e alguns jovens que demonstraram interesse e curiosidade sobre arqueologia e a história da nossa região. Os elementos dos corpos gerentes ficaram surpreendidos aquando da chegada a Mértola. Esta parecia, à primeira vista, uma pacata Vila Alentejana, tão normal como qualquer outra, mas rápido poderam observar que Mértola é bastante rica em vestígios arqueológicos e que já se nota um certo interesse turístico.

A Associação de Defesa do Património de Mértola constituída há mais de 12 anos, e por estar localizada mais ou menos na nossa área geográfica e devido à sua experiência, foi por nós escolhida para fazermos uma recolha de informação, pois básicamente as nossas aspirações e objectivos são aqueles que a Associação de Mértola tem vindo a desenvolver. É de salientar a importância que actualmente a ADPM detém em Mértola. Em conjunto com o Campo Arqueológico de Mértola é a segunda entidade empregadora. Até ao momento já esteve envolvida na criação algumas dezenas de postos de trabalho.



MÉRTOLA... um exemplo a seguir

A ADPM ensinou-nos uma grande lição. Trabalhar para a população mas com a colaboração desta. Este é um factor chave no sucesso de qualquer associação ou colectividade, não é que nós não tivéssemos presente este facto, mas é sempre bom lembrar às pessoas que as associações ou colectividades estão sempre dependentes delas. Sem a colaboração e o diálogo entre todos nada se pode fazer.

Na reunião que tivemos com o presidente a ADPM ficou-nos latente o trabalho, esforço e dedicação que tal "empresa" dispende por parte de todos que, directamente ou indirectamente, lutam para levarem a bom porto todas as iniciativas a que a associação se propõe a realizar.

Esta visita teve em mente também os problemas sócio/económicos com que actualmente as associações se debatem. Este foi sem dúvida um pormenor de grande importância e durante aproximadamente 2 horas discutimos e analisámos os entraves e os problemas do dia a dia de uma associação, como fazer frente aos problemas e como os contornar sem prejuízos.

Em seguida tivemos oportunidade de ver um pequeno filme sobre a recuperação e conservação de um moinho de água e de outro de vento. Isto fez-nos lembrar e compreender que há muito para fazer, muito que trabalhar, muito que colaborar. É necessário muito esforço, muito trabalho e muito empenho de todos para que se possa levar a bom termo projectos desta envergadura.

É sem dúvida de louvar o trabalho realizado pela Associação de Defesa do Património de Mertola e esperamos que continuem assim, são nossas esperanças que muitas mais iniciativas deste género possam aparecer.



ENTREVISTA COM ...

MANUEL BENTO, TOCADOR DE VIOLA CAMPANIÇA. A TRADIÇÃO DA MUSICA

Manuel Bento e a viola campaniça

Este é um espaço que vai ser dedicado a uma pessoa ou entidade em especial, em que essa pessoa ou entidade será questionada pelos nossos "jornalistas" para que fiquemos a conhecer melhor as suas ideias e opiniões sobre diversos assuntos. Para este número decidimos entrevistar um Senhor que ainda mantém viva uma tradição Alentejana há muito já esquecida. Essa forma de cultura é do género musical e denomina-se viola campaniça, e esse Senhor chama-se Manuel Bento. O Sr. Manuel Bento (M.B.) conta 69 anos e é natural da Aldeia Nova, Freguesia de Ourique. Tem feito algumas viagens sempre com o intuito de divulgar esta arte que nos dias de hoje já não é muito comum. Passemos então à entrevista.

J.G. - Há quanto tempo toca viola campani-ça?
M.B. - Comecei a tocar aos 14 anos, portanto há 55 anos.

J.G. - O que o incentivou a tocar a viola campaniça?
M.B. - Era a cultura do nosso povo. Naquela altura ou tocávamos flauta ou viola, era o nosso desporto. O meu pai já tocava, e ao ver o meu pai tocar, resolvi seguir a arte. O meu pai tinha um comércio de mercearia e taberna, e por vezes, quando o meu pai estava ocupado a trabalhar na taberna, era eu que tocava para os clientes.

J.G. - Qual a origem deste instrumento?
M.B. - Não tenho bem a certeza mas segundo o Dr. José Francisco Colaço, é originário do séc. XI, talvez dos árabes. As regiões onde é mais comum é nos concelhos de Castro Verde, Ourique e Odemira.

J.G. - Faz ideia de quantas pessoas tocam este instrumento?
M.B. - Sinceramente, não. Mas que eu conheça tocam ainda viola campaniça o Sr. Bento da Parreira, o Sr. Adílio do Monte Ruivo, o Sr. Joaquim Simão de Sines, o Sr. Henrique da Fragosa de Ourique, o Sr. Joaquim Rosa das Amoreiras, o Sr. António Jacinto da Figueirinha/Odemira, o Sr. Bernardo da Aldeia das Amoreiras que é aprendiz, o Sr. Manuel Laranjinha e o Sr. Francisco António.

" Vejo muito pouco interesse por parte dos jovens"

J.G. - Como vê o interesse dos jovens, e população em geral, relativamente à música regional, nomeadamente a viola campaniça?
M.B. - Vejo muito pouco interesse por parte dos jovens, pois já tenho tido casos, como o seu, que vieram cá para tentar aprender a tocar, mas depois deixam de cá vir. Até houve uma rapariga que veio cá para aprender, e até já tocava viola clássica, e perguntou-me quanto é que eu levava por lição, e eu disse-lhe para vir porque o que eu queria é que, se ela tivesse gosto em aprender, eu teria gosto em lhe ensinar. Mas como era de longe e, se calhar os horários do comboio não lhe serviram, também deixou de vir. Por isso, como vê acho que há muito pouco interesse pela viola campaniça.

J.G. - Sabemosque já tem viajado bastante, na divulgação desta arte...
M.B. - Pois, é verdade temos viajado de Norte a Sul, e já tivemos a oportunidade de estar em muitas das regiões do nosso país, mas como pode calcular não me lembro de todas, pois já foram muitas, mas muitas das vezes até não vamos, pois veja, ainda há pouco tempo fomos convidados para ir ao Porto, três dias, mas já se torna muito cansativo. Mas convites não nos faltam.

J.G. - Mas também já teve a oportunidade de sair do país para tocar, onde?
M.B. - Sim, é verdade. Tive a oportunidade de ir ao Canadá, onde íamos todos os dias tocar à casa do Alentejo, em Toronto. Também era para termos ido a Itália, mas foi cancelado, sabe-se lá porquê. Fomos também convidados para ir tocar ao Luxemburgo, quando fosse inaugurada a casa do Alentejo, mas ainda não sabemos se vamos ou não.

J.G. - Qual a receptividade das pessoas, nos sítios onde já tocou?
M.B. - A maioria das pessoas têm gostado de ouvir a viola campaniça, olhe, quando nós fomos ao Porto a casa estava cheia, maioritariamente por jovens, e fomos muito bem recebidos, mas vai-se a ver e niguém falou que quer aprender, ninguém pergunta se há cassetes...

O Sr. Manuel estava tão embalado que não o quisemos interromper...

... quer dizer, gostam de ouvir mas não querem aprender, mas sabe, as modas da viola campaniça são aquelas modas já antigas, mas eu vejo as pessoas tocarem essas modas com um banjo, com uma guitarra, porque é que também não aprendem a tocá-las com a viola campaniça ? Faz-me confusão, as pessoas aplaudirem, gostarem e não querer aprender.

" Senti-me um pouco nervoso quando me sentei em frente das câmaras"

J.G. - Voltando um pouco atrás, já soubemos que foi tocar à televisão...
M.B. - Fui tocar ao concurso da Filha da Cornélia e ao programa do Sr. Julio Isidro (Turno da Noite). Mas gostei mais de ir ao programa do Sr. Julio Isidro, sabe porquê ? Porque lá, a sala era muito fresquinha e estava-se lá muito bem, e na Cornélia, era um calor que não se gramava. E depois ainda tinha outra coisa, no programa do Sr. Julio Isidro, as pessoas da plateia eram atendidas pelas empregadas, e todos tinham lá o seu copo de água, na Cornélia não davam água a ninguém, com o calor daqueles, olhe, outra vez que tenha oportunidade de lá ir já não vou, com um calor daqueles torna-se muito cansativo.

J.G. - Qual foi a sensação de estar na televisão?
M.B. - Olhe, na primeira vez, quando me sentei em frente às câmaras, na "Filha da Cornélia", senti-me um pouco nervoso, estava muito nervoso até, isto é, estar em frente às câmaras e não fazermos aquilo que a ideia nos pede, pois se eu conseguisse fazer melhor fazia, mas não conseguia. Ainda por cima, depois de tocar, os júris que lá estavam diziam que não conheciam aquele instrumento, não podiam pontuar porque não o conheciam, não tinham livro nenhum da viola campaniça. Inclusivé um professor de música que fazia parte do júri disse que não podia pontuar porque não percebia, não conhecia o instrumento, gostou, mas não se sentia em condições para pontuar uma coisa que não percebia.

Um professor de música que não conhece este instrumento, e todos nós sabemos a quem é que cabe a divulgação dos instrumentos musicais e tipos de música. E tendo em conta que este instrumento e sua música são parte integrante da nossa música tradicional, temos que admitir que é, no mínimo curioso, o seu desconhecimento por parte de pessoas

com formação musical.

J.G. - Podemos então dizer que o Sr. já andou por muitas paragens?
M.B. - É verdade, até já andei de mais, porque sabe, a idade já é um bocadinho avançada, pois quando somos novos, é uma coisa, mas agora, já pensamos de outra forma

" Rosa de casa não cheira (...) Gostava de encontrar alguém que tocasse melhor que eu "

J.G. - Não acha curioso, que apesar de já ter tocado em tantos lados, nem uma vez, em termos de festas, etc, tocou em Garvão, freguesia onde habita?
M.B. - Sabe, é que, costuma-se dizer, rosa de casa não cheira. Não quer dizer que eu não toque, mas quando toco é sempre em casas de particulares, ora veja, aqui na Funcheira já tenho tocado, convidei pessoas amigas, dei aqui um jantar e tocou-se aqui o Baldão, mas mais nada. Por isso veja lá se é como eu digo ou não, a rosa de casa não cheira. As pessoas dizem, olha aquilo que ele faz também eu faço, mas eu gostava de as ver tocar, mas as pessoas não aparecem. Olhe e digo-lhe uma coisa, em todos os lados em que eu vou tocar, gostava muito de encontrar alguém que tocasse melhor que eu. Isso é que eu gostava, pois tinha a oportunidade de aprender qualquer coisa, mas não encontro, e enquanto os jovens não se meterem à frente disto, porque como se costuma dizer, cavalo velho não toma andadura???. Porque o velho pouco vai aprender, porque agora dava-se o caso de eu ouvir alguém tocar melhor que eu, podia aprender a florear melhor ou a tirar outro ritmo da viola, mas pouco mais faria. Porque se você vier aqui aprender a tocar, como é novo, se calhar, ainda vai longe, mas agora um velho, esse não vai muito longe.

J.G. - Quer dizer que daqui até Garvão ou nesta zona nem um convite lhe fizeram para você tocar?
M.B. - Não, quer dizer, eu já tenho ido a Garvão tocar, mas sempre a casa de particulares, fora isso, não tenho ido a mais lado nenhum. Este ano é que me convidaram para uma festinha qualquer por causa do aniversário dos miúdos, mas por infelicidade o meu tio não pôde vir, pois eu toco sempre com o meu tio, e como ele não pôde vir eu não fui, pois caso contrário tinha tido muito gosto em ir.

J.G. - Quais os apoios que tem recebido para que possa continuar a divulgar a viola campaniça?
M.B. - Realmente, os apoios não têm sido poucos, ora veja você o que esta gente de Castro Verde tem feito pela viola campaniça, eles têm posto transporte à ordem para que nós possamos andar de Norte a Sul do país, e de vez em quando lá vem qualquer coisa para a ajuda das cordas da viola.

J.G. - E qual é a pessoa ou instituição que está por detrás de todo este apoio?
M.B. - É o Dr. José Francisco Colaço, esse senhor é que tem puxado por nós e não só, pois ele tem lá mais dois grupos lá em Castro Verde, e nós, eu o meu tio e a minha esposa, somos reconhecidos como as violas campaniças de Castro Verde, mas não, deveria ser as violas campaniças de Ourique, pois nós, quer eu, quer o meu tio, quer a minha esposa, somos todos naturais da freguesia de Ourique. Mas não acontece assim, porque Ourique não puxou por nós, porque senão éramos as violas campaniças de Ourique. Mas também posso afirmar que a nossa ida ao programa do Sr. Julio Isidro é obra da Câmara de Ourique. Esta conversa surgiu num almoço em que lá estava o Dr. José Francisco e ao falar-se em nós como sendo as violas campaniças de Castro Verde, surgiu uma senhora, D. Sandra mais propriamente que disse que as violas campaniças não eram de Carstro Verde, mas sim de Ourique pois nós éramos naturais de Ourique, e sendo assim vão à televisão e a câmara de Ourique é que os vai lá levar, e assim foi.



Qual o futuro da viola campaniça, quando esta geração de tocadores desaparecer?

J.G. - Além do Dr. José Francisco, não tem tido apoio de mais ninguém, de mais nenhuma instituição?
M.B. - Não, tem sido só Castro Verde e o Dr. José Francisco Colaço através da Cooperativa de Informação e Cultura Cortiçol de Castro Verde, são eles que mais nos têm apoiado.

" Estou disposto a ensinar aos jovens o pouco que sei "

J.G. - Voltemos então aos jovens. Julga que eles serão capazes de manter viva esta tradição ? Estaria disposto a contribuir para isso?
M.B. - Acho que sim, que os jovens são capazes de manter viva a tradição, e quanto a mim estarei disposto a fazer o máximo possível para que eles aprendam. Estou disposto a lhes ensinar o pouco que sei e a partir daí eles pusarão por si próprios e poderão fazer melhor. Mas o jovem terá de ter força de vontade porque se não tiver não chega lá.

J.G. - E que acha por exemplo haver uma escola para aprender a tocar a viola campaniça?
M.B. - Olha em Castro Verde falou-se nisso, em se montar uma escola, em que eu mais o meu tio íamos lá uma vez por semana, ensinar a quatro ou cinco jovens, ou até mais, mas isso morreu porque não encontraram quem se inscrevesse, porque se se inscrevessem lá dez ou doze jovens, isso tinha ido para a frente, por isso é que eu digo que Castro Verde tem feito muito pela viola campaniça, mas não tem conseguido, tanto que eu tenho uma viola em casa que o Dr. José Francisco mandou fazer para eu ensinar a quem quisesse aprender e comprou outra para o meu tio com o mesmo fim, mas então, os jovens não aparecem, que hei-de eu fazer!

A conversa estava com o Sr. Manuel Bento estava a ser interessante mas já estava a ser um pouco longa, por forma que tínhamos de findar a nossa entrevista, muita coisa foi dita mas muita também ficou por dizer, mas com certeza teremos mais oportunidades para isso, assim terminá-mos esta conversa fazendo uma última pergunta...

J.G. - O Sr. acha que a viola campaniça é um instrumento em vias de extinção, ou julga que ainda poderá voltar a ser ouvido nas terras alentejanas como no tempo da sua mocidade?
M.B. - Eu acho que se os jovens tiverem vontade este não é um instrumento em vias de extinção. Ainda há por aí muitas violas campaniças. Olhe elas são fabricadas em Braga, não sei se as fabricam em mais algum lado, mas dessas mais antigas sei que existem algumas em casa de alguns particulares, mas não as emprestam, não as vendem nem as dão, e o que servem essas violas se as pessoas não querem aprender. Eu até já disse à minha esposa, quando eu falecer, dá a viola a uma instituição qualquer, em Garvão, em Ourique ou em Castro Verde, para que as pessoas possam ver um instrumento tradicional, e para que também possam aprender, ora então o que é que ela fica aqui em casa a fazer, se as pessoas da família não a quiserem...

J.G. - E quanto aos tocadores, acha que eles vão deixar acabar esta arte?
M.B. - Julgo que não, pois tenho até provas disso, como é o caso do Sr. Bernardo, que é um pouco mais novo que eu e que já toca algumas modas e que de hoje para amanhã já é capaz de tocar em qualquer lado. Mas bom mesmo era que fosse um homem de vinte ou dezasseis anos, pois tinha mais anos pela frente, mas então...

Manuel Bento, um homem humilde que cresceu ao som da viola campaniça e que não quer que esta faça parte apenas das nossas recordações.

E assim terminámos esta conversa com o Sr. Manuel Bento e como provam as reticências, ainda muito ficou por dizer, haverá por certo uma próxima oportunidade.

Como se pôde constatar a viola campaniça é um instrumento que está a sofrer os efeitos da crescente desertificação da nossa região, mas cabe-nos a nós, através destas acções e a você leitor, através da sua colaboração, remar um pouco contra a maré, e quem sabe, se não vamos parar a bom porto ?

Se você é daqueles que gosta da nossa cultura e não a quer deixar morrer, já sabe, vá à Estação da Funcheira, pois está lá um homem que o ajudará, sempre que puder, a aprender essa arte tão comum há uns anitos atrás. Depende de si para que daqui para a frente haja mais uns quantos Manuels Bentos.



1º. CENTENÁRIO DO NASCIMENTO DE FLORBELA ESPANCA

Eu sou o que no mundo anda perdida,
Eu sou o que na vida não tem norte,
Sou a irmã do sonho, e desta sorte
Sou a crucificada ... a dolorida...
(Livro de Mágoas, 1919)

Assim se defenia, esta grande poetisa Alentejana, de Vila Viçosa. Da sua vida, muito se conta, mas as grandes verdades, escrevem-se nos seus sonetos.

Os seus sonhos:
" Sonho que sou a poetisa eleita
Aquela que diz tudo e tudo sabe,
Que tem a inspiração pura e perfeita,
Que reúne num verso a imensidade!
(Livro de Mágoas, 1919
)

As suas certezas:
" O mundo quer-me mal porque ninguém,
Tem asas como eu tenho! Porque Deus
Me fez nascer Princesa entre Plebeus
Numa torre de orgulho e desdém
(Chameca em flor, 1930
)

As suas paixões :
" Meu amor! meu amante! meu amigo!
Colhe a hora que passa, hora divina,
Bebe-a dentro de mim, bebe-a comigo!
Sinto-me alegre e forte! Sou menina!
(Chameca em flor, 1930
)

Também existem histórias, cartas, fotografias, muitas são as recordações que nos deixou.

Um final trágico, uma vida cheia de amargura, de amores, desamores, fazem com que Florbela jámais seja esquecida.

BIOGRAFIA

Florbela Espanca, nasceu dia 8 de Dezembro de 1894, na Rua do Angerino em Vila Viçosa, filha de Antónia da Conceição Lobo, uma mulher de humilde condição, e de João Maria Espanca. Foi baptizada seis meses depois , a 20 de Junho de 1895, na Igreja Paroquial de Nossa Senhora da Conceição, em Vila Viçosa.

Apies, seu irmão, foi, sem dúvida nenhuma, o ser humano que melhor compreendeu sua irmã, aquele com quem ela mais se abriu, que foi o seu amparo espiritual - aquele a quem, por isso mesmo, naturalmente mais amou e cuja morte jamais se recompôs.

FlorBela começa precocemente a frequentar a secção infantil da escola primária de Vila Viçosa em Outubro de 1899.

Tendo iniciado um mês antes as aulas da 3ª classe, Florbela escreve, a 11 de Novembro de 1903, a sua primeira poesia reconhecida, intitulada "A vida e a morte"; no dia seguinte outra se lhe sucede - trata-se de um soneto, que começa com "A bondade o som de Deus". Se se atentar no facto de que Florbela ainda não tem nove anos e na dificuldade que o soneto representa enquanto composição poética, fácil se torna concluir que cedo brotou o génio nesta alma que "já (então) fazia versos, já tinha insónias e (a quem) já as coisas da vida davam vontade de chorar".

Florbela era uma poetisa de poesia generosa, convulsa e ardente do fogo sob cujo signo nascera, a dos extremos de ternura e das amarguras do sofrimeto, dos estados hiperexcessivos de consciência da solidão, da dor - e do amor.

Por alturas da Primavera de 1911, Florbela começa a namorar com o colega do liceu André de Gouveia, namoro feliz, despreocupado, sem padecimentos, quiça a única experiência amórosa que não deixou cicatrizes no seu ser. Com os passar dos tempos Florbela vai lendo autores tão diversos como Alexandre Dumas, Camilo Castelo Branco e Guerra Junqueiro que lhe vão desvendando novos horizontes de expressão e sensibilidade.

Chega o ano de 1912 e com ele a sua primeira grande paixão, intensa e avassaladora, que durou apenas alguns meses, tendo o efeito devastador no seu apaixonado e sensível coração feminino, assim despedaçados para sempre.Neste mesmo ano Florbela casa pela primeira vez, tendo o seu noivo apenas vinte anos e desta união viverá Florbela o período de mais intensa criatividade poética da sua vida, o qual se iniciará em finais de 1915.

...

Muito mais haveria a escrever sobre Florbela Espanca, a qual viria a casar posteriormente mais duas vezes.

Nas vésperas de morrer, Florbela desabafa com as suas amigas dizendo que se suicida no dia do seu aniversário por considerar que é a melhor prenda que pode dar a si própria; contudo, ninguém a leva a sério, ninguém entende a sua tormenta. Esta escreve, pois, as suas últimas vontades e um postal de despedida às amigas íntimas, as quais só receberão depois da sua morte.

No dia 10 de Dezembro de 1930 à noite, Florbela comunica à sua criada Teresa que não vai dormir no quarto de casal, em virtude das muitas insónias que vem sentindo ultimamente. Pede ainda que não a acordem no dia seguinte seja sob que pretexto for.

É encontrada tarde demais. Na sua mesinha de cabeceira restava um pouco de leite num copo e debaixo do colchão estavam dois frascos de Veronal, vazios. Florbela morrera enfim durante a noite, provavelmente à mesma hora da madrugada a que tinha nascido trinta e seis anos antes, no dia de Nossa Senhora da Conceição, símbolo da Mãe e padroeira de Portugal.

Nada melhor que a sua própria auto defenição, transcrita numa das cartas que escreveu (Carta de Florbela Espanca ao Dr. Guido Battelli de 27/07/1930).

... *"Sou uma céptica que crê em tudo, uma desiludida cheia de ilusões, uma revoltada que aceita, sorridente, todo o mal da vida, uma indiferente a transbordar de ternura. Grave e metódica até à mania, atenta a todas as subtilezas dum raciocínio claro e lúcido, não deixando, no entanto, de ser uma espécie de D. Quixote fêmea a combater moinhos de vento, quimérica e fantástica, sempre enganada e sempre a pedir novas mentiras à vida, num dom de mim própria que não acaba, que não desfalece, que não cansa!"*...



Fotografia de 1930, tirada para ser publicada no livro "Chameca em flor"

...POESIA, PROSA, QUADRAS E HISTÓRIAS, ESCREVA E ENVIE-NOS

Todos nós sabemos que existem pessoas que gostam de fazer quadras, poemas, escrever histórias, etc. mas, infelizmente, depois não têm um espaço onde possam expor esses mesmos trabalhos. É com esse objectivo que este cantinho do "Jornal de Garvão" foi criado, - dar oportunidade às pessoas de ver os seus trabalhos expostos, para que outras pessoas também possam ter acesso a esses mesmos trabalhos e comentá-los -. Quem sabe se um dia estas pessoas não conseguem ver o seu trabalho recompensado, através da edição de um livro? Basta que não desistam de fazer esses mesmos trabalhos, Nada é impossível.

Como tal, se têm algum trabalho relacionado com poesia, quadras ou histórias, que gostariam de ver publicado no "Jornal de Garvão", só têm que nos escrever, enviando-nos os vossos trabalhos juntamente com o vosso nome, ou, se quiserem, podem dirigir-se pessoalmente até nós, contactando alguém mais directamente ligado à Associação Cultural e de Defesa do Património de Garvão.



COZINHA GARVANENSE

O Alentejo é, talvez, a região mais rica em Gastronomia. Esta é praticamente desconhecida para a maior parte das pessoas. Isto, porque muitas delas ainda pensam que tirando as migas e as açordas pouco mais há a acrescentar à cozinha Alentejana. Nada poderá estar mais errado.

Quem hoje percorre as estradas do Sul, depara com alguns dos melhores restaurantes do país, onde a comida Alentejana está sempre presente, facto que, infelizmente não se passa tão frequentemente no Centro e no Norte do país.

Dar a conhecer o que se come na grande planície Portuguesa vem abrir uma série de pistas, para além do próprio espaço regional em que se integra. Este será o objectivo principal desta rubrica nas próximas edições. No entanto, convém não esquecer que a Gastronomia é um factor essencial e indissolúvel da cultura de todos os povos. Assim, pretendemos nos próximos números do nosso jornal, retratar um dos aspectos mais autênticos do Baixo Alentejo - aquilo que no seu dia-a-dia come. Passam os homens, mudam os sistemas, mas a comida, essa (com algumas adulterações, impostas infelizmente pela sociedade de consumo em que vivemos) vai-se transmitindo de geração em geração.

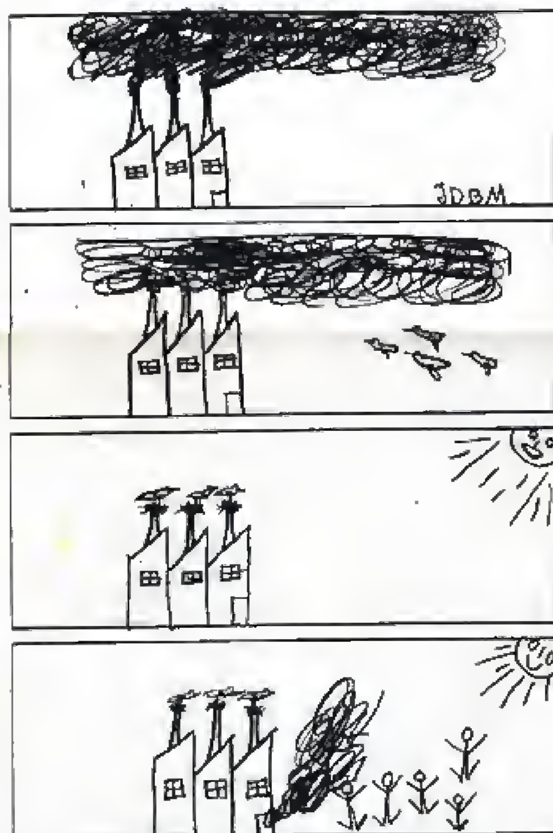
No caso Alentejano é o pão , são os caldos, as sopas, as migas, as açordas, o maravilhoso paladar das ervas, os ensopados de borrego, a caça que as gentes do Baixo Alentejo possuem o segredo de cozinhar como ninguem, o porco que o alentejano sabe tratar de forma muito especifica, são, enfim, os peixes, os moluscos, a doçaria, uma das mais ricas de Portugal, e os petiscos, em que o povo da planície leva a palma a todo o país.

Convém, no entanto, salientar que, atraves da Gastronomia do Baixo Alentejo, podemos fazer todo um enquadramento, com o meio ambiente, com a sua antropologia, social e cultural, com tudo aquilo que define um perfil, um carácter e uma tradição.

Assim, esta rubrica do nosso jornal, pretende ser um espaço aberto a todas as pessoas, e lançamos, desde já o repto, no sentido de toda a população, e as donas de casa em particular, participarem activamente no nosso jornal, colaborando com o envio de receitas da nossa Gastronomia. Para tal basta contactar qualquer elemento da Associação da nossa terra. Esperamos pela sua colaboração.

PASSATEMPOS

É com muito orgulho que aqui apresentamos uma banda desenhada feita por um artista da nossa terra. Esperamos que isto sirva de exemplo e incentivo para que novas iniciativas possam surgir.



Qual é coisa qual é ela?

1- Qual é a coisa, qual é ela, que fala e não tem lingua, caminha e não tem pés?

2- O que é que no campo foi criada, vestida de verdes laços? Aquele que chora por ela está cortando-a em pedaços?

3- Qual é a coisa, qual é ela, que não é luz, nem planeta e está no meio do céu?

4- Que horas são quando o relógio bate 13 badaladas?

5- Qual é a pergunta que você não pode responder «sim» sem estar mentindo?

6- Se lançar uma pedra branca num mar vermelho, como é que ela fica?

SOLUÇÕES: 1- Carta , 2- Cebola , 3- Letra é , 4- É hora de mandar o relógio para o conserto , 5- Você está dormindo , 6- Molhada

CICLO-PEDAL
Bastou um empurrãozinho...

... Para que se realiza-se o 1º passeio em bicicletas a pedal, dia 2 de Dezembro passado, indo por Amoreiras Gare e Aldeia das Amoreiras, sempre por estrada velha , com os jovens.

Motivadissimos, como só eles sabem estar, bastou um empurrãozinho da Associação Para que este passeio fosse um sucesso, estando na manga mais iniciativas deste genero.

Tudo isto vem demonstrar, mais uma vez, a necessidade de uma Associação de Juventude na Vila de Garvão, a qual nos propusémos levar para diante e à qual os jovens, com todo o seu entusiasmo, têm aderido.

Aqui ficam os nomes dos participantes neste 1º. Ciclo-Pedal e aos quais damos os nossos parabéns:

Lino; Zé Eduardo; Filipe; Orlando; Márcio; Luís (Jacob); Zé Daniel; Tito; Pedro; Nelson; Vitó, Luís (Missanga); Russo e Artur.

COMPUTADORES
INICIAÇÃO À INFORMÁTICA

A Associação Cultural e Defesa do Património de Garvão, no prosseguimento dos seus objectivos de valorização da população, comunica que se encontra, na sede da dita Associação, material de informática, nomeadamente computadores, que se destinam a acções de formação e que podem ser utilizados por quem quiser aprender ou alargar os seus conhecimentos nesta área.

CARTAS DOS LEITORES

Caro leitor, temos um espaço reservado para si.

Se souber de alguma notícia ou de algum acontecimento que queira ver publicado no jornal, não hesite. Contacte-nos!

ANÚNCIOS

Não deite fora o fogão velho. Anuncie no nosso jornal.

Temos um espaço onde pode anunciar gratuitamente e vender o que já não precisar: fogões, mobiliário, etc.

MANTENHA A VILA LIMPA!
DEITE O LIXO NOS CONTENTORES.

A Associação agradece a todas as pessoas que, de uma maneira ou de outra, tem ajudado e colaborado com a dita Associação para que a mesma possa atingir os seus objectivos que, afinal, são os objectivos de toda a população da Vila de Garvão.

LEITÃO

O sorteio das rifas realiza-se dia 11 de Fevereiro de 1995, sábado, pelas 20 Horas no café Central.

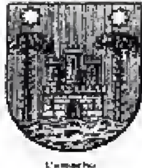


FAMÍLIAS DE GARVÃO COM HISTÓRIA

Apelidos abrazonados



SEQUEIRA. Família antiga que procede dos Silvas e dos Velhos. Senhores da Quinta de Sequeira na Freguesia de Santa Maria de Sequeira, termo de Barcelos. Do casamento de Gonçalo Anes Redondo com D. Urraca Fernandes de Andrade, todos os membros de linhagens bem conhecidas, cujos filhos continuaram o apelido de Sequeira. D. Fernando Rodrigues de Sequeira, Mestre da Ordem de Avis, a seguir a D. João I usou as armas do seu apelido com bordadura de prata, carregada de quatro flores-de-lis.


Camacho

CAMACHO. Família andaluza de que passou um ramo a Portugal. Dinis Camacho viveu na Vila da Sertã, onde serviu o ofício de tabelião das notas e foi cavaleiro-fidalgo das casas de D. Manuel I e D. João III. Possuidor de casas no terreiro das Mulatas. De sua mulher deixou vários filhos que continuaram a sua geração e apelidos.

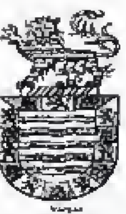
Outros Camachos portugueses usam as armas dos Camanhos, família originária também de Espanha.



MATOS. Família das mais antigas de Portugal, pois descende dos reis de Leão, por D. Hermigo Alboazar, senhor do castelo de Távora, cujo filho, D. Egas Hermigues, chamado *O Bravo*, bisneto por varonia de D. Ramiro II de Leão, fundou o mosteiro do Freixo e, no concelho de Argos, comarca de Lamego, fundou a Quinta de Matos, na qual viveu. Do seu matrimónio nasceu D. Hermigo Paes de Matos, sucessor da casa paterna e primeiro do apelido. Foi também senhor das quintas do Amaral e de Cardoso. Teve do seu casamento vários filhos que tomaram o nome dos Amarais e dos Cardosos. O filho mais velho, Paio Hermigues de Matos, que viveu no tempo de D. Sancho II e D. Afonso III, sucedeu no senhorio da quinta de Matos, cuja geração seguiu o apelido.



LUCAS. Os genealogistas pretendem que os Lucas viessem de Espanha, de Sabóia ou de Inglaterra, onde existem famílias de mesmo nome. Alguns dizem que é família portuguesa, originária da Vila de Belmonte por João Rodrigues Lucas, pessoa principal na Vila de Alcácer do Sal. João Rodrigues e sua mulher, Mécia Gil Salema, continuaram geração com o mesmo apelido.


Vargas

VARGAS. Família originária de Castela, onde é ilustre. Rodrigo de Vargas, um dos senhores da Vila de La Higuera, próximo de Badajoz, passou a Portugal e casou em Lisboa, tendo por filho António Rodrigues de Vargas que foi à Índia como capitão e casou em Lisboa com Branca Simoa de Araújo, natural desta cidade, provindo do seu casamento geração que seguiu o apelido dos Vargas.

IDIOCINDRADES PROFUNDAS

Algarve terá a origem do seu nome em Garvão?

"Al" em árabe é um artigo que precede, tal como no português, certos nomes de terras ou pessoas. Assim, ao "Al" árabe surge o "o" ou "a" português. Por exemplo do "Al-Garb" árabe surgiu o Algarve português, ou seja o Oeste como os árabes lhe chamavam; Oeste em relação a Meca e à origem da expansão islâmica. Ora, se ao árabe "Al-Garb" deixarmos por qualquer motivo cair o "Al" ficamos com "Garb", que depressa se transformana em "Garbom", "Garbonnis" e finalmente em "Garvão" dos nossos dias. Não vamos aqui dizer que o Algarve tem a origem do seu nome em Garvão, mas que dá para pensar dá!

Os corvos de Lisboa são de Garvão?

Segundo a mesma linha de pensamento, e se a palavra Garvão tem o significado de "Corvos" em árabe (o que não quer dizer que não seja também "Oeste" e tenha mais do que um significado como tantas palavras portuguesas), e tendo o brasão de armas de Lisboa dois (2) corvos é caso para perguntar: De onde é que eles vieram? Serão os corvos de Garvão? Será que os mouros na sua correria rumo ao Norte levaram os corvos para Lisboa e se esqueceram de os trazer, e lá, por qualquer motivo, os associaram ao São Vicente e a partir daí se perdeu a origem dos corvos de Garvão?. Seja como for Garvão e Lisboa tem em comum os seus corvos; uns talvez na origem do seu nome, outros no seu brasão de armas que poderia muito bem ter sido influenciado pelos corvos de Garvão.

A ANTIGA DANÇA DE GARVÃO HÁ CERCA DE 30 ANOS QUE NÃO SE REALIZA

Garvão está cada vez mais pobre culturalmente, é esta a primeira impressão que nos toca ao depararmos com o desaparecimento da dança de garvão há cerca de 30 anos. É certo que as relações sócio-económicas que justificaram o aparecimento da dança, já não são as mesmas, a sua continuação então requeria o esforço de certas pessoas, o que não veio a acontecer. O seu resurgimento agora, ao qual uma boa camada da população tem manifestado o seu apreço e apoio é oportuno e a não deixar cair no esquecimento, enquanto houver pessoas que ainda se lembram da antiga dança, e até mesmo dispostas a dançar e a ensinar os mais novos. É sabido que já não há solos de terra batida, nos quais se aproveitava os ensaios da dança para bater, nem a necessidade de andar de monte em monte ou de terra em terra, a pedir, devido à carência de trabalho anual que nessa altura era generalizada. O seu resurgimento agora insere-se num contexto diferente que julgamos oportuno para salvaguardar os antigos valores da nossa terra, já que é difícil sentirmos as necessidades económicas e de carência que impulsionaram o surgimento da dança de Garvão, embora as compreenda-mos.

Contudo a sua componente cultural, desde a dança propriamente em si, com as suas voltas própias, incluindo arcos ou mastro com fitas, a sua música, seja de flauta ou acordeom, as roupas própias dos dançarinos nos quais as mães e costureiras se esmeravam e procuravam dar o seu melhor, é passível de ser recuperada, e nos como associação cultural e de defesa do património, temos todo o interesse e vamos fazer os possíveis para não a deixar-mos cair no esquecimento, e convidamos a população em geral que participe e ajude a revitalizar a antiga dança de Garvão e aproveitamos para solicitar à população em geral que nos cedam a título provisório algumas fotografias antigas ou quaisquer outros objectos relacionados com a dança, que eventualmente, tenham em seu poder.

PROGRAMA JVS

INSTITUTO PORTUGUÊS DA JUVENTUDE

A Sociedade actual, caracterizada por uma acelerada mudança, reafirma a participação da juventude como princípio básico da solidariedade e forma de empenhamento no desenvolvimento harmonioso da sociedade.

A intervenção social dos jovens é marcada por elevado altruísmo e generosidade, projectando-se em acções concretas de luta contra a pobreza e exclusão social e protecção do património, do ambiente e da natureza.

O voluntariado é, por excelência, uma via para a realização do homem e para a formação do cidadão.

Com efeito, as muitas dezenas de missões e acções concretas que se têm realizado entre jovens e organizações de juventude, em diversos campos de acção, demonstram as enormes oportunidades existentes, a latitude de intervenção real e a vontade e motivações das partes interessadas.

Existe, assim, espaço privilegiado para o voluntariado que importa apoiar, estimulando a participação dos jovens em acções que contribuam para o seu desenvolvimento e formação integral e fomentando o aparecimento de projectos, de natureza social ou cultural, que tenham incidência nas comunidades do território nacional.

É neste sentido que o Governo decide agora definir o enquadramento de projectos de solidariedade de natureza social ou cultural, com incidência no território nacional, bem como o regime aplicável aos jovens voluntários que neles se integrem.

A aprovação dos projectos será feita com base em critérios objectivos, tendo em conta a sua natureza, dimensão e impacte comunitário.

Os jovens voluntários para a solidariedade apresentam a sua candidatura a projectos já aprovados em função da sua preparação, vocação e disponibilidade pessoal.

